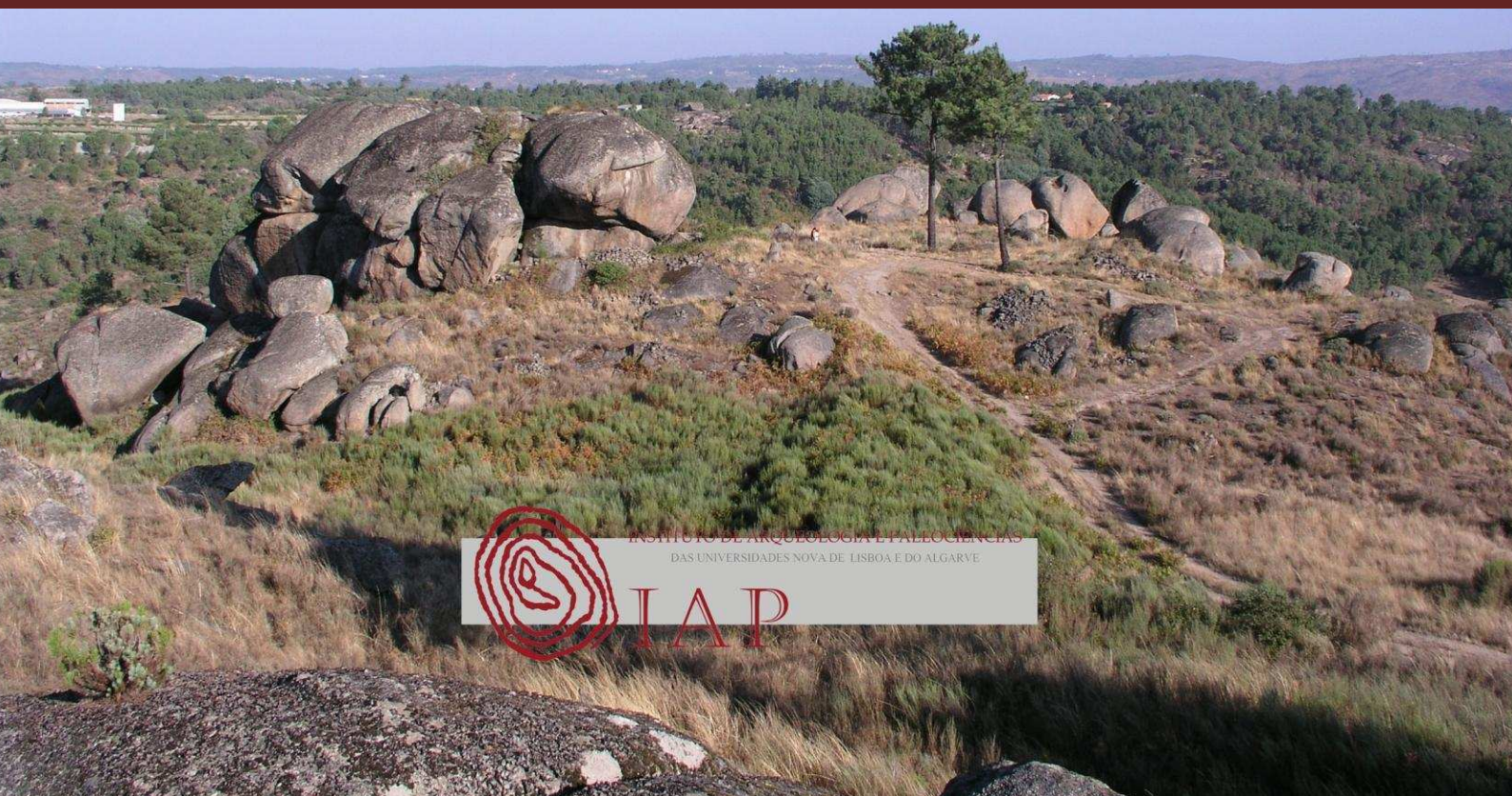




CRISTÃOS E MUÇULMANOS NA IDADE MÉDIA PENINSULAR ENCONTROS E DESENCONTROS



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA E PALEOCIÊNCIAS
DAS UNIVERSIDADES NOVA DE LISBOA E DO ALGARVE

IAP

CRISTÃOS E MUÇULMANOS NA IDADE MÉDIA PENINSULAR ENCONTROS E DESENCONTROS

2011



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA E PALEOCIÊNCIAS
DAS UNIVERSIDADES NOVA DE LISBOA E DO ALGARVE

IAP

FICHA TÉCNICA

TÍTULO:

Cristãos e Muçulmanos na Idade Média Peninsular – Encontros e Desencontros

RESPONSÁVEIS CIENTÍFICOS:

Rosa Varela Gomes, Mário Varela Gomes e Catarina Tente

AUTORES:

Adriaan De Man	José Custódio Vieira da Silva
Alberto Garcia Porras	Juan Antonio Quirós Castillo
André Bazzana	Julio Navarro Palazón
António Luís Pereira	Luís Miguel Cabrita
Antonio Malpica Cuello	Mário Varela Gomes
Carmen Barceló	Miguel Telles Antunes
Catarina Tente	Pedro Callapez
Christophe Picard	Pedro Jiménez Castillo
Gregoria Caveró Domínguez	Pierre Guichard
Iñaki Martín Viso	Rafael Azuar Ruiz
Jorge Rodrigues	Rodrigo Banha da Silva
José Avelino Gutiérrez González	Rosa Varela Gomes

DESIGN GRÁFICO:

Mário Varela Gomes e Joana Gonçalves
(capa: Sector 2 do *ribāt* da Arrifana e vista do Penedo dos Mouros)

TRADUÇÃO DE TEXTOS:

Mário Varela Gomes, Catarina Tente e Tânia Casimiro

IMPRESSÃO E ACABAMENTO

Tiragem: 200 exemplares

ISBN:

Depósito Legal:

Distribuição: Pórtico Librerías, S.A. · Muñoz Seca, 6 · 50005 Zaragoza (Espanha) · distrib@porticolibrerias.es · www.porticolibrerias.es

© Instituto de Arqueologia e Paleociências e Autores

Patrocínios:

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa

Fundação para a Ciência e Tecnologia

Fundação Calouste Gulbenkian

Câmara Municipal de Aljezur

Associação de Defesa do Património Histórico e Arqueológico de Aljezur

Caixa de Crédito Agrícola Mútuo de S. Teotónio



FUNDAÇÃO
CALOUSTE
GULBENKIAN



APRESENTAÇÃO

O presente volume corresponde às actas do colóquio internacional que teve lugar, de 9 a 12 de Setembro de 2009, em Aljezur, subordinado ao tema “Cristãos e Muçulmanos na Idade Média Peninsular – Encontros e Desencontros”.

Aquele evento inseriu-se no projecto PTDC/HAH/69806/2006, subsidiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia, tendo sido apoiado pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, Câmara Municipal de Aljezur, Associação de Defesa do Património Histórico e Arqueológico de Aljezur e Caixa de Crédito Agrícola Mútuo de S. Teotónio, instituições a que nos cabe publicamente agradecer.

Sete sessões de trabalho permitiram a apresentação e, por vezes, animada discussão de 24 comunicações e proporcionaram duas visitas de estudo; uma ao *ribāt* da Arrifana (Vale da Telha) e outra à aldeia islâmica de pescadores da Ponta do Castelo, na Carrapateira, tal como à cidade de Silves (Museu, Medina e Castelo).

Entre os autores de comunicações agora publicadas contam-se onze investigadores portugueses, dez espanhóis e três franceses, que trataram temáticas variadas, desde a Alta Idade Média aos alvares da Idade Moderna e, designadamente, problemáticas relativas às convivências e exclusões, entre Cristãos e Muçulmanos, naquele período.

Talvez pela primeira vez foi possível confrontar, através de documentação arqueológica, as materialidades e as ideologias das populações do Norte com as do Sul da Península Ibérica, em tempos sincrónicos, e as interacções ocorridas. Todavia, as ideias expandidas no presente volume são da responsabilidade dos seus autores, a quem devemos agradecer a disponibilidade, não só em se terem deslocado a Aljezur, em nos propiciarem ideias e/ou testemunhos inéditos, intelectualmente estimulantes como em fornecerem, atempadamente, os textos das suas comunicações constituindo conjunto de importantes contribuições que, porventura, marcará momento específico na abertura de novas vias de investigação.

Rosa Varela Gomes, Mário Varela Gomes e Catarina Tente

(Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e Instituto de Arqueologia e Paleociências das Universidades Nova de Lisboa e do Algarve)

ÍNDICE

O CASTELO DE SILVES – DO TEMPLO CRISTÃO À MAIS ANTIGA FORTIFICAÇÃO ISLÂMICA Rosa Varela Gomes	9
O BAIRRO ISLÂMICO DA PRAÇA DA FIGUEIRA (LISBOA) Rodrigo Banha da Silva, Rosa Varela Gomes e Mário Varela Gomes	17
LA CIUDAD ANDALUSÍ DE ILBĪRA. SU FORMACIÓN E DESARROLLO Antonio Malpica Cuello	27
QUELQUES RÉFLEXIONS SUR LES CARACTÈRES DE L'ESPACE DOMESTIQUE DANS AL-ANDALUS, ET SON ÉVOLUTION DES MUSULMANS AUX CHRÉTIENS André Bazzana	51
DE PALACIO A CONVENTO. EL CUARTO REAL DE SANTO DOMINGO Y LAS TRANSFORMACIONES EN LA CIUDAD DE GRANADA Alberto Garcia Porras	67
LA PARTICIÓN DE FINCAS COMO SÍNTOMA DE SATURACIÓN EN LA CIUDAD ANDALUSÍ: LOS EJEMPLO DE SIYASA Y MURCIA Julio Navarro Palazón e Pedro Jiménez Castillo	79
CONVIVÊNCIA E CONFLITO NO CALIFADO DE CÓRDOVA: DO INÍCIO DA CONSTRUÇÃO DA GRANDE MESQUITA À EXPEDIÇÃO DE AL-MANSUR (IBN AMIR) Jorge Rodrigues	95
CONQUISTA E OCUPACIÓN ISLÁMICA DEL NORTE PENINSULAR José Avelino Gutiérrez González	105
<i>RIBATS</i> ET ÉDIFICES RELIGIEUX DE L'ISLAM SUR LES CÔTES DU PORTUGAL À L'ÉPOQUE MUSULMANE MÉDIÉVALE : ISLAMISATION ET <i>JIHAD</i> DANS LE GHARB AL-ANDALUS Christophe Picard	121
<i>O RIBĀT</i> DA ARRIFANA – ENTRE CRISTÃOS E MUÇULMANOS NO <i>GHARB</i> Mário Varela Gomes e Rosa Varela Gomes	137
ESTELA FUNERÁRIA EPIGRAFADA, DO <i>RIBĀT</i> DA ARRIFANA (ALJEZUR) Carmen Barceló, Rosa Varela Gomes e Mário Varela Gomes	147
<i>RIBĀT</i> DA ARRIFANA (ALJEZUR) – ARQUEOZOOLOGIA, ESTUDO COMPLEMENTAR Miguel Telles Antunes	157

ESTUDO ZOOARQUEOLÓGICO DOS INVERTEBRADOS DO <i>RIBĀT</i> DA ARRIFANA (ALJEZUR, PORTUGAL). SUA RELAÇÃO COM AS COMUNIDADES MARINHAS LITORAIS E COM HÁBITOS ALIMENTARES NO ALGARVE MUÇULMANO DO SÉCULO XII Pedro Manuel Callapez	165
INSCRIPCIONES, SÍMBOLOS Y USOS CRISTIANOS DE LA CULTURA MATERIAL ISLÁMICA EN AL-ANDALUS (S. X-XI D.C.) Rafael Azuar Ruiz	187
TOLÉRANCE ET CONNAISSANCE INTERRELIGIEUSES AU MOYEN AGE Pierre Guichard	199
HABITATS CAMPONESES NO ALTO MONDEGO NOS SÉCULOS IX E X: UM ENSAIO DE ETNOARQUEOLOGIA Catarina Tente	209
A TRANSFORMAÇÃO DE CONDEIXA: ESPAÇOS E FUNÇÕES ALTO-MEDIEVAIS Adriaan De Man	219
LA ORGANIZACIÓN SOCIAL DE LOS ESPACIOS FUNERARIOS ALTOMEDIEVALES EN LOS TERRITORIOS AL SUR DEL DUERO Iñaki Martin Viso	225
CONTRIBUTO PARA O ESTUDO DO POVOAMENTO RURAL ALTO-MEDIEVAL DE SILVES Luís Miguel Cabrita	239
PAISAJES ALTOMEDIEVALES EN EL NORTE PENINSULAR. MUSULMANES Y FEUDALES EN EL ALTO VALLE DEL EBRO E SU ENTORNO Juan Antonio Quirós Castillo	255
SANTIDAD Y REALEZA: THOMAS BECKET EN LA CORTE CASTELLANA DE ALFONSO VIII (1158-1214) Gregoria Caveró Domínguez	269
INSÍGNIAS DE PEREGRINAÇÃO ENCONTRADAS EM PORTUGAL Mário Varela Gomes	281
O CASTELO DE ANSIÃES: CONTRIBUTO PARA O ESTUDO DA IDADE MÉDIA NO VALE DO DOURO António Luís Pereira	297
O MUDEJARISMO EM PORTUGAL – O ESTADO DA QUESTÃO José Custódio Vieira da Silva	309

O CASTELO DE SILVES – DO TEMPLO CRISTÃO À MAIS ANTIGA FORTIFICAÇÃO ISLÂMICA

Rosa Varela Gomes*

Resumo

Referem-se as mais antigas estruturas detectadas no interior do Castelo de Silves, correspondendo a restos, muito alterados, de templo cristão e de palácio fortificado omíada. Elementos arquitectónicos daquele primeiro edifício, dispersos e reutilizados em edificações ulteriores ao século XI, indicam tratar-se de construção fundada nos séculos VI-VII, mas que terá pervivido até tarde, coexistindo com forte estrutura omíada, representativa da administração islâmica.

Abstract

The most ancient building structures found inside the Castle of Silves are presented, corresponding to the remains of a Christian temple and an Ommiad fortified palace. Architectural remains of the church, scattered and reused in buildings constructed after the 11th century, show that it was built in the 6th or 7th centuries, surviving until the Ommiad period and coexisting with the palace, symbol of the Islamic political administration.

1. Introdução

A musealização do Castelo de Silves, implementada pela Câmara Municipal, no âmbito do Programa Silves Polis, permitiu-nos efectuar, entre 2003 e 2007, o acompanhamento arqueológico daquela obra que decorreu, em grande parte, em sectores que, ainda, não tínhamos investigado, possibilitando-nos a obtenção de distinta e nova informação, em particular no que respeita aos testemunhos das suas mais antigas ocupações (Gomes, 2009).

As intervenções realizadas no interior daquele dispositivo defensivo, até 2001, estavam circunscritas ao seu sector nascente e, em função dos dados arqueológicos disponíveis, considerámos que *“A longa história deste arqueossítio começou, senão antes, pelo menos no Período Romano, conforme alguns testemunhos dispersos indicam. Todavia, a sequência estratigráfica por ora observada, evidenciou que a sua ocupação se iniciou apenas no século VIII ...”* (Gomes, 2003, p. 507). Esta interpretação relacionava-se com o espólio recolhido, nomeadamente alguns elementos arquitectónicos reutilizados nos espaços habitacionais islâmicos, dos séculos XII e inícios do século XIII, e, também, com a existência de pequenos fragmentos de cerâmica, procedentes da camada islâmica mais antiga ali identificada (C8).

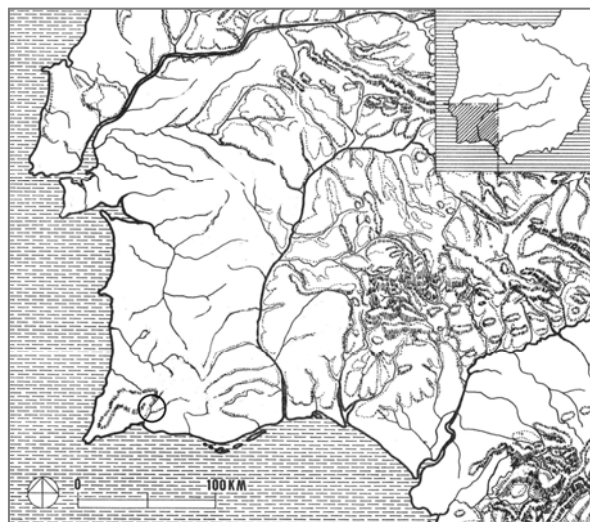


Figura 1. Localização de Silves, no Sudoeste Peninsular.

Aqueles foram produzidos com pastas de cor cinzenta e possuíam decoração, incisa, em ziguezague, que classificámos nos séculos VI-VII e considerámos como pertencentes ao fundo cultural peninsular, de tradição tardo-romana ou visigótico-bizantina, coexistindo com conjunto de peças islâmicas exógenas (Gomes, 2003, pp. 467-506). Trata-se de camada que atribuímos ao início da ocupação muçulmana, através da sequência estratigráfica identificada, do espólio e para a qual obtivemos, ulteriormente, confirmação de tal cronologia através de duas análises de ¹⁴C. Estas, após aplicação de tabela dendrocronológica indicam intervalos situados entre 670 e 890 cal. d.C. (Ly -4167) e entre 687-788 cal. d.C., para 1 *sigma*, e entre 672-

* Docente do Departamento de História da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, da Universidade Nova de Lisboa (Av. de Berna, 26C, 1069-061 Lisboa, rv.gomes@fch.unl.pt).

881 cal. d.C. para 2 *sigma* (ICEN -569). Ambas amostras indicam cronologias muito próximas, correspondendo a pleno século VIII ou aos inícios da centúria seguinte.

Cerâmicas, também de produção autóctone, atribuídas aos séculos VI-VII, foram exumadas nas escavações arqueológicas que realizámos, com M. V. Gomes, junto do Poço-Cisterna e no pátio anexo àquele monumento, sob a mais antiga muralha muçulmana ali reconhecida (Gomes, 2002, pp. 106-110; Gomes e Gomes, 2003, pp. 23-47).

Na cidade de Silves conhecia-se daqueles tempos, além dos espólios de cerâmica referidos, parte de placa de mármore, com inscrição funerária, descoberta em local indeterminado, fragmento de ábaco e capitel, ambos visigóticos e de mármore cinzento, que se encontram em exibição no seu Museu Municipal de Arqueologia (Dias e Gomes, 1992, p. 180; Gomes,

2002, pp. 104-110). Aquele último terá sido encontrado nas proximidades da Sé.

O espólio mencionado testemunha a continuidade de ocupação humana, tanto na área urbana como no Castelo, entre os últimos tempos cristãos e os inícios da islamização.

2. Evidência arqueológica

2.1. A ocupação cristã

Os mais recuados testemunhos arquitectónicos, por ora, identificados no Castelo de Silves localizavam-se no seu sector norte, sob pavimento de espaço habitacional almoada. Assentavam sobre o substrato rochoso e estão documentados através de restos, muito deteriorados, de pequeno templo. Este, encontrava-se reduzido a sectores dos seus alicerces, dado o seu desmantelamento e sobreposição pelas edificações muçulmanas ou por silos (Fig. 2).

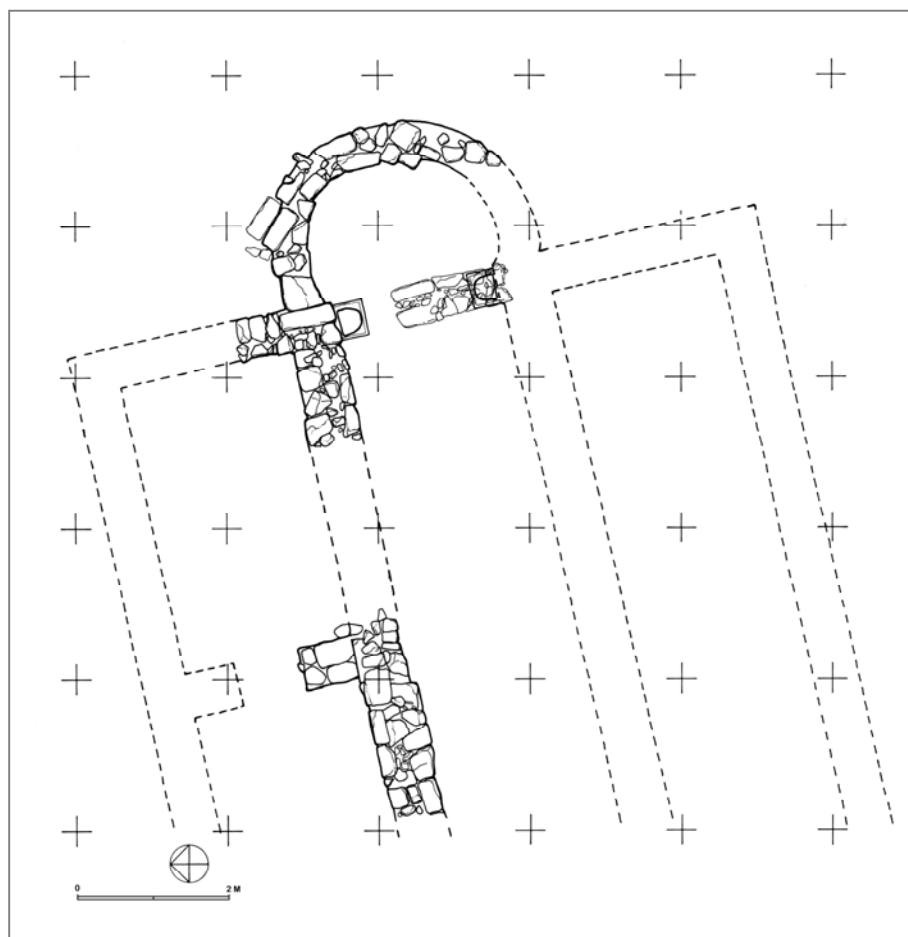


Figura 2. Castelo de Silves. Planta de estrutura religiosa cristã (seg. R. V. Gomes).

Reconhecemos parte da abside daquela estrutura, com planta em forma de arco ultrapassado, e troços das paredes das naves. O seu eixo maior encontrava-se orientado nascente-poente, mas não nos foi possível identificar o comprimento total daquele, dado que não nos permitiram alargar a área investigada.

Os alicerces da abside, construídos com blocos de grés vermelho, ligados com terra, media 3,60 m de diâmetro no exterior, 1,60 m de profundidade no interior e o vão de entrada 2,16 m. Parte do solo da abside encontrava-se ainda revestido com massa de cal e areia. Do lado norte do arranque da parede da abside subsistia troço de parede. Fazendo ângulo recto com aquela estrutura encontrámos restos de alicerce de parede que mediria pelo menos 6,40 m de comprimento e 0,70 m de largura, que deveria delimitar a nave central do templo.

Por certo que pertenceram àquele edifício elementos arquitectónicos, encontrados nas proximidades, como grande pedaço de coluna de adossar (Q1420/C2-2), ou reutilizados nos espaços habitacionais islâmicos do Castelo, nomeadamente capitel, diversos fragmentos de colunas e as suas bases, ábacos e, ainda, lajes de mármore de diferentes dimensões (Fig. 3).

No sector nascente da alcáçova exumámos fragmento de coluna (Q173/C2-1), reutilizada como soleira de porta na área palatina, de sienito de Monchique, que apresentava primitivamente secção circular.

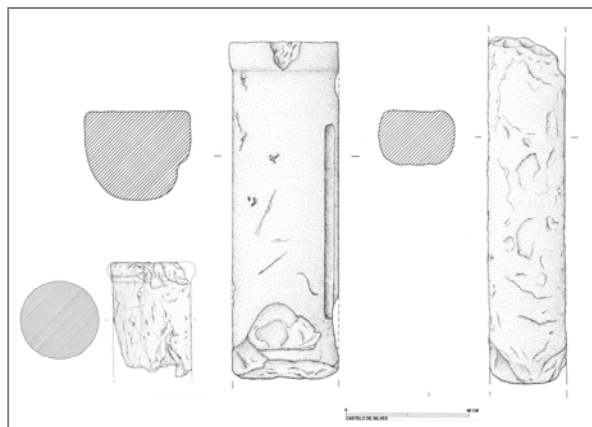


Figura 3. Castelo de Silves. Elementos arquitectónicos dos séculos VI-VII (des. de S. Costa).

No pavimento do pátio de palácio almoada pusemos à vista vários fragmentos de lajes de mármore que foram ali, de igual modo, reutilizadas (Gomes, 2003, p. 55, fig. 57).

No sector noroeste recolhemos, em uma das paredes de área residencial identificada, base de coluna (Q617/C2-1), de mármore, possuindo corpo de forma cilíndrica e base quadrangular. Mede 0,232 m de altura e 0,400m de largura máxima.

Também no sector poente recuperámos dois fragmentos de fustes de colunas, ambos de calcário e com forma cilíndrica. Um deles (Q.1202/C1B-5), oferece remate com gola pronunciada.

A coluna de adossar poderia pertencer ao arco triunfal, da abside, conforme ocorre em templos coevos do de Silves. Todavia, preparamos trabalho onde constará a inventariação e estudo do material construtivo visigótico/moçárabe exumado no Castelo de Silves, tendo em vista melhor abordarmos a criptoarquitectura do seu templo cristão.

2.2. Os mais antigos testemunhos muçulmanos

Foram identificados no sector noroeste do Castelo e assentavam, directamente, no substrato rochoso.

Ali reconhecemos dois longos troços de paredes, construídos em taipa militar, perpendiculares entre si, um deles orientado no sentido nascente-poente e o outro, no sentido norte-sul. Os muros referidos, medem 13,12 m e 11,20 m de comprimento, 0,70 m de largura média e parece que terão sido propositalmente demolidos até ao nível em que se encontram os pisos das edificações pertencentes à última ocupação islâmica do local (C2). A largura dos muros mencionados indica que poderiam ter mais de 4,00 m de altura.

Pertenciam àquele estrutura quatro fortes pilares, oferecendo secção rectangular, orientados, sensivelmente, no sentido norte-sul, distando entre si entre 2,08 m e 2,40 m. Foram construídos com blocos de arenito vermelho, bem aparelhados, ligados com massa de terra e cal.

O primeiro pilar (Q. 598), encontra-se muito destruído por muro de compartimento (comp. 5) de espaço habitacional islâmico ulterior (Casa C) e mede 0,64 m de largura. O segundo (Qs 583 e 566), mostra

largura igual ao anterior e 1,12 m de comprimento. O terceiro (Qs 549 e 550), oferece 0,72 m de largura e 1,04 m de comprimento. Por fim, o último pilar (Qs 515 e 516), mede igualmente 0,64 m de largura e 0,88 m de comprimento. Verifica-se que três deles mostram idêntica largura sendo, apenas, um algo mais largo e apresentando, também, menor comprimento.

As estruturas descritas indicam ter pertencido a grande construção com pátio central porticado, que interpretamos como palácio fortificado (Fig. 4).

Pensamos que será contemporâneo daquele, conjunto de cerâmicas (Qs. 1 e 3) que exumámos nas intervenções arqueológicas efectuadas em 1985 e 1989 e, em particular, as peças importadas do Médio Oriente, possivelmente fabricadas nas oficinas de Susa, Sirjan ou Kurasan, tal como outras magrebins, representadas por exemplares produzidos com pastas de boa qualidade, decoradas através de bandas reticuladas ou de conjuntos de ziguezagues pintados, e ainda recipientes de produção autóctone, anteriormente estudados (Gomes, 2003, pp. 467-506). Trata-se de cerâmicas que integravam, conforme mencionámos, a camada mais profunda (C8) do Castelo de Silves, cuja cronologia, tanto relativa como absoluta, indica corresponder a pleno século VIII ou aos inícios da centúria seguinte.

O espólio mencionado foi encontrado a cerca de 6 m de profundidade em relação ao nível almoadado. Na altura interpretámos aquela ocorrência como sendo “o resultado de entulhos, com materiais vários, utilizados

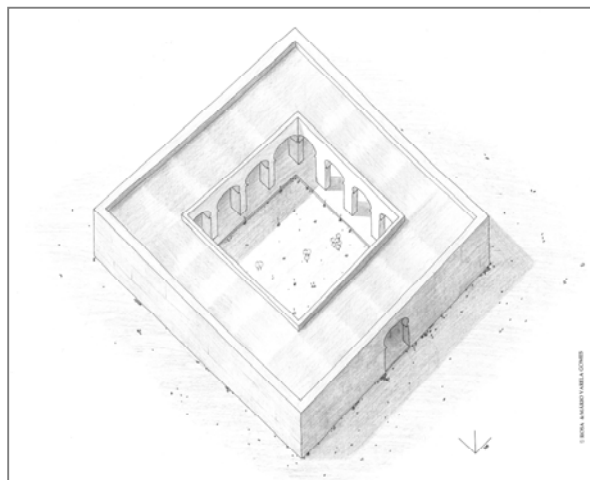


Figura 4. Castelo de Silves. Reconstituição gráfica de palácio fortificado islâmico (des. J. Gonçalves, seg. R. e M. V. Gomes).

em nivelamento que regularizasse zona de encosta, criando-se esplanada e possibilitando a edificação de construções, durante os finais do século IX e os começos da centúria seguinte (C6)”(Gomes, 2003, p. 480).

No exterior do “palácio almoadado” encontrámos capitel (Q. 293/C2) assente sobre coluna, ambos de mármore, em local ainda não intervencionado em profundidade. No entanto, a temática decorativa empregue no capitel poderá relacioná-lo, conforme veremos, com os primeiros tempos da islamização do Algarve.

Aquele elemento arquitectónico, de mármore, oferece decoração, em estilo coríntio, constituída na coroa inferior por conjunto de folhas de acanto. Estas, algo fracturadas superiormente, são largas, com nervura central marcada por três sulcos e a partir das quais se desenvolvem quatro outras folhas angulares, neles assentando igual número de volutas. O espaço disponível entre aquelas mostra dois enrolamentos assimétricos que ladeiam friso, em relevo, rematado, no ábaco, por elemento fitomórfico de carácter geométrico. Este constitui motivo central do friso superior, ladeado por semi-ovais e duplos enrolamentos em forma de S. A utilização pontual do trépano, tantos nos motivos vegetalistas como geométricos, permite a obtenção de contraste e de jogos de sombra-luz, que valorizam plasticamente a peça. Mede 0,22 m de altura. A coluna em que assentava, completa, atingia 2,20 m de altura (Figs 5, 6).

3. Integração cultural

Os testemunhos agora apresentados, com cronologias distintas, constituem as únicas evidências arquitectónicas que denunciam a presença tanto de comunidade cristã como da mais antiga, muçulmana, no Castelo de Silves.

O templo identificado no sector norte do Castelo de Silves, apesar da sucessiva reutilização e reaproveitamento dos seus materiais construtivos ao longo dos séculos, permite considerar que possuiu abside, com planta em forma de arco ultrapassado, e, possivelmente, três naves.

Tais vestígios poderão corresponder a igreja de modelo singelo, com afinidades em exemplares como o de Valdecebadar de Olivença (Badajoz) (Godoy

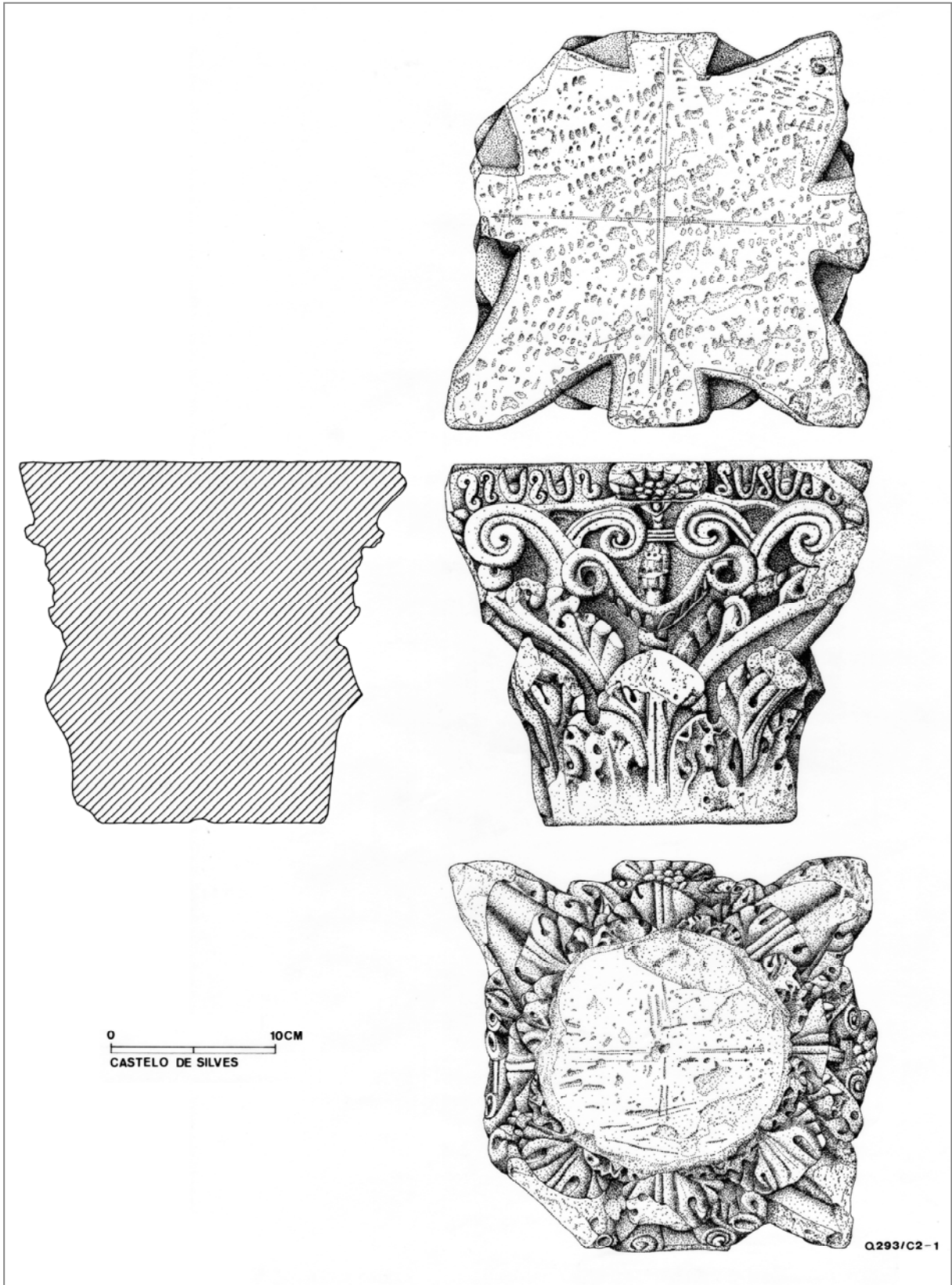


Figura 5. Castelo de Silves. Capitel islâmico (omíada) (des. de A. Machado).

Fernández, 1995, pp. 303-305) com abside do mesmo tipo, ou o de El Gatillo de Arriba (Mataplana, Cáceres), no que respeita às suas fases mais antigas de edificação (Godoy Fernández, 1995, pp. 318-321). No Norte Peninsular documentam-se paralelos na igreja de Marialba de la Ribera (León), cuja primeira etapa construtiva foi atribuída aos finais do século IV ou aos inícios do século V, sendo o baptistério considerado do século VII, muito embora tendo pervivido, com distintas alterações, durante boa parte da Idade Média (Martínez Peñin, 2010, pp. 72, 73; 225-241, fig. 237).

Também a igreja de Santa Maria de Mijangos (Burgos), consagrada, segundo epígrafe fundacional, entre 591 e 602, mostra longa planta rectangular, subdividida em três naves, encimada por abside de planta em forma de arco ultrapassado (Quirós Castillo, 2010, pp. 252-254, 261).

Pequeno templo possivelmente com características similares ao que identificámos em Silves, foi encontrado, muito destruído, devido a ulterior ocupação islâmica, em Monastil, no Sueste Peninsular. Trata-se de testemunho de estrutura cuja primeira fase de construção foi atribuída aos séculos IV e V, tendo a abside, com planta em forma de arco ultrapassado, sido construída a partir do século VI (Vizcaíno Sánchez, 2009, pp.463-465).

Os poucos elementos disponíveis não deixam de podermos classificar a igreja do Castelo de Silves como edificada nos séculos VI-VII, embora tenha subsistido até aos primeiros tempos de administração islâmica.



Figura 6. Castelo de Silves. Capitel islâmico (omíada) (foto M. V. Gomes).

A reutilização/readaptação de antigos edifícios religiosos conduz, por vezes, em locais densamente povoados, à sua completa desactivação e desmantelamento, o que impede a análise estratigráfica, em altura, através da designada Arqueologia da Arquitectura. Apesar de reduzidos, os resultados obtidos na intervenção arqueológica, na alcáçova de Silves, eles permitiram detectar o mais antigo edifício cristão, por ora reconhecido naquela cidade.

O palácio islâmico identificado no Castelo de Silves, atrás referido, era similar a outros designados por “palácio” ou “castelo”, identificados na região oriental da Jordânia. Também estes oferecem planta subquadrangular, com uma única porta de entrada e pátio interior em torno do qual se desenvolvem compartimentos (Helms, 1990, p. 95). Entre outros, podemos referir o de Qasr al-Sawab, com 51 m de lado, Qusayr ‘Amra e a estrutura C reconhecida em ar-Risha, ambos com 32 m de lado, atribuídos aos séculos VII-VIII (Helms, 1990, pp. 92-95). O complexo de Qusayr ‘Amra é, normalmente, mais conhecido pelas pinturas existentes, em particular, no *hamman* e no palácio, mas será interessante referir que se trata de obra de Walid I (705-715), no poder durante a conquista da Península Ibérica.

O califa referido mandou representar, no salão principal daquele seu palácio, os reis que venceu e, entre eles, o rei visigodo Rodrigo, cujo nome foi escrito, em grego, em uma das paredes (Almagro *et alii*, 1975, p.9).

A localização de tais construções, no deserto, poderia relacionar-se com o controlo militar de importantes vias de comunicação, de territórios ricos, que se encontravam nas proximidades, e quiçá com um certo tipo de gosto próprio de comunidades com ancestral ligação àquele ambiente.

O capitel que encontrámos no exterior do palácio almoada do Castelo de Silves é similar a outros existentes na Grande Mesquita omíada de Damasco, mandada construir, também, por Walid I (Stierlin, 1997, p. 53) e que constitui importante referência na arquitectura muçulmana. Eles encontram-se tanto no interior como sob capela octogonal, designada por pequeno tesouro, e assentam em colunas mais antigas que ali foram reutilizadas.

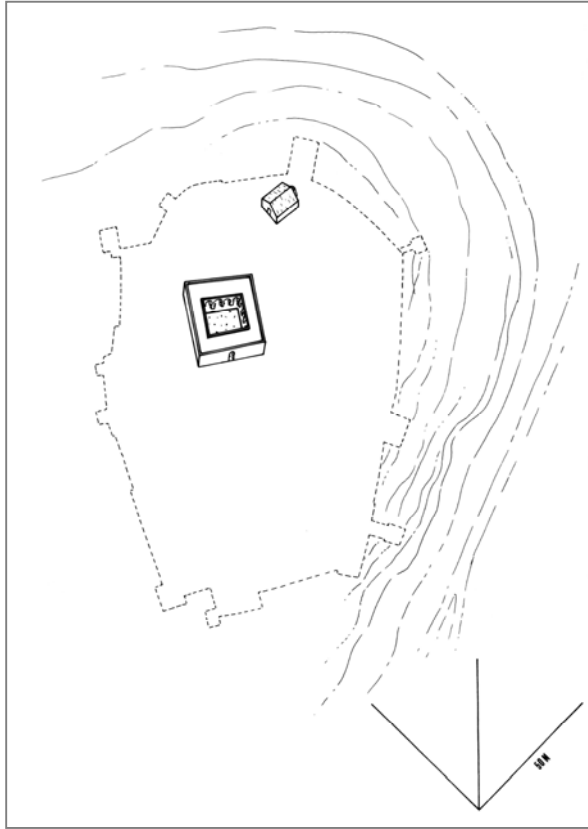


Figura 7. Castelo de Silves. Templo cristão e palácio islâmico sub-contemporâneo (des. J. Gonçalves, seg. R. e M. V. Gomes).

Nos capitéis de Damasco não é visível decoração no ábaco devido, eventualmente, ao facto de a base da capela que suportam oferecer já friso geométrico. Todavia, ábacos com decoração de carácter geométrico pertencem, normalmente, a exemplares mais antigos, conforme documenta, por exemplo, capitel encontrado na igreja de Bāfetīn, datada do século VI (Sodini *et alii*, 1980, p. 230, fig. 297).

O capitel que encontrámos no Castelo de Silves pode ser importado, do Médio Oriente, e contemporâneo das mais antigas cerâmicas islâmicas ali exumadas, algumas das quais igualmente exógenas.

Muito embora do mais antigo palácio fortificado, identificado em Silves, só tenha subsistido sector, muito destruído por construções posteriores, pensamos tratar-se de construção com clara influência oriental que, a nosso ver, tentava reproduzir, em território recentemente ocupado por comunidade muçulmana, os palácios fortificados omíadas, erguidos nos inícios

do século VIII, tanto na Síria como na Jordânia, verdadeiros símbolos de poder, denunciando influências da arquitectura militar tardo-romana e bizantina.

4. Síntese

As últimas intervenções arqueológicas efectuadas no Castelo de Silves, entre outros importantes resultados, permitiram identificar testemunhos arquitectónicos que, apesar de muito fragmentados, contribuem para distinta compreensão deste arqueossítio. Entre eles encontram-se os vestígios da igreja e do palácio fortificado islâmico, agora dados a conhecer.

A implantação daquelas estruturas conduz a reconhecermos que o cerro, onde hoje se ergue o Castelo de Silves, teria diferente configuração e até acentuadas diferenças de cotas que devem ter sido ultrapassadas através de vários aterros. De facto, entre a estrutura religiosa e a palatina mencionada existe diferença de cota com cerca de 1,50m, assentando ambas no substrato rochoso.

É possível que no início da permanência muçulmana se tenham mantido aqueles dois edifícios, correspondendo um ao novo poder instituído, enquanto o outro simbolizava a religiosidade das comunidades autóctones, representando, eventualmente, certa coexistência pacífica (Fig. 7).

A destruição daquelas edificações poderá ter ocorrido com as grandes obras efectuadas nos finais do século IX e inícios do século X, tendo em vista alargar a plataforma onde hoje se ergue a alcáçova, de modo a se erguerem tanto novas áreas palatinas, como maior dispositivo defensivo, originando, apesar das sucessivas transformações daquele espaço, o magnífico monumento hoje ali existente.

Bibliografia

- ALMAGRO, M., CABALLERO, L.; ZOZAYA, J.; ALMAGRO, A. (1975) – *Qusayr'Amra. Residencia y Baños Omeyyas en el Deserto de Jordania*, Ministerio de Cultura, Madrid.
- GODOY FERNÁNDEZ, C. (1995) – *Arqueología y Liturgia. Iglesias Hispánicas (siglos IV al VIII)*, Universitat de Barcelona, Barcelona.
- GOMES, M. V.; DIAS, M. M. A. (1992) – Fragmento de inscrição funerária paleocristã (Silves), *Ficheiro Epigráfico*, nº 40, pp. 180, 181.

- GOMES, M. V.; GOMES, R. V. (2003) – Cerâmicas alto-medievais de Silves, *Actas das 3^{as} Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval: Métodos e Resultados para o seu Estudo*, pp. 23-47, Câmara Municipal de Tondela, Tondela.
- GOMES, R. V. (2002) – *Silves (Xelb) – Uma Cidade do Gharb Al-Andalus: Território e Cultura*, Trabalhos de Arqueologia nº 23, Instituto Português de Arqueologia, Lisboa.
- GOMES, R. V. (2003) – *Silves (Xelb) - Uma Cidade do Gharb al-Andalus. A Alcáçova*, Trabalhos de Arqueologia, nº 35, Instituto Português de Arqueologia, Lisboa.
- GOMES, R. V. (2009) – O Castelo de Silves – Contributos da investigação recente, *Xelb*, vol. 9, pp. 477-488.
- HELMS, S. (1990) – *Early Islamic Architecture of the Desert. A Bedouin Station in Eastern Jordan*, Edinburgh University Press, Edinburgh.
- MARTÍNEZ PEÑIN, R. (2010) – *La Cerámica en la Ciudad de León y su Alfoz (Siglos X-XV). Estudio Arqueológico y Documental*, Tese de Doutoramento em História, Universidade de León, León.
- QUIRÓS CASTILLO, J. A. (2010) – Arqueologia funeraria y arqueologia de la arquitectura de época medieval, *Arqueología III. Arqueología Medieval y Posmedieval*, pp. 215-287, Universidade Nacional de Educación a Distancia, Madrid.
- SODINI, J.-P.; TATE, G.; BAVANT, B.; BAVANT, S.; BISCOP, J.-L.; ORSSAUD, D. (1980) – *Déhès (Syrie du Nord). Campagnes I-III (1976-1978). Recherches sur l'Habitat Rural*, Institut Français d'Archéologie du Proche-Orient, Librairie Orientaliste Paul Geuthner, Paris.
- STIERLIN, H. (1997) – *Islão, de Bagdade a Córdoba. A Arquitectura Primitiva do Século VII ao Século XIII*, Taschen, Lisboa.
- VIZCAÍNO SÁNCHEZ, J. (2009) – *La Presencia Bizantina en Hispania (siglos VI-VII). La Documentación Arqueológica, Antigüedad y Cristianismo*, Monografías Históricas sobre la Antigüedad Tardía, vol. XXIV, Universidad de Murcia, Murcia.